

5 Conclusão

Construção ou não, concluímos, ao longo da realização deste trabalho, que a realidade só existe de modos diferentes para cada comunidade, cultura e até mesmo para cada indivíduo. Não compartilhamos, portanto, da crença de alguns profissionais de mídia, de que o jornalismo e suas notícias nada mais seriam que um reflexo perfeito ou quase perfeito da realidade.

Talvez por isso tenhamos nos interessado por abordar as notícias de crime como objeto de estudo desta pesquisa. Ora, existem poucos universos mais diferentes e distantes do que àqueles ocupados, respectivamente, pelos encarcerados e pelo homem comum, livre e temeroso da violência.

O que entendemos por realidade é sempre produto de nossa relação com o mundo, não à toa, admitimos que existam diversos conceitos de real que variam de acordo com a comunidade e a cultura em que estes conceitos estão inseridos. Isto ficou claro ao analisarmos a investigação de Clifford Geertz sobre a intersexualidade. Vimos que para os norte-americanos não existe um lugar para o intersexual, devendo ele decidir entre os dois gêneros aceitos nesta sociedade: masculino e feminino. No entanto, para os *Navajos*, não só há um lugar para o intersexual, como este pode ser visto como um Deus para os indivíduos desta comunidade. Ora, qual destas sociedades tem o poder de conhecer a realidade suprema?

As reportagens sobre crime quase nunca oferecem projeto alternativo de futuro e quando o fazem é sempre do ponto de vista dos vencedores, pelo viés ideológico do endurecimento das penas, justificado na idéia de que vivemos em um mundo violento, repleto de impunidade e sem outra saída para o mal.

Vimos, ainda, que o jornalismo de crime normatiza e disciplina à medida que ordena os conceitos, valores e condutas. Para isto, recorre a uma narrativa maniqueísta, capaz de definir os lugares que o bem e o mal devem ocupar. Um exemplo da função punitiva ocupada pelo jornalismo de crime é quando ele fala no lugar do criminoso, castigando-o com o direito ao silêncio.

Através de artifícios relacionados à profissão, como a escolha das fontes, familiaridade com o leitor e apelo ao bom senso, os jornalistas procuram legitimar

as soluções sugeridas para combater o crime. O repórter assume o lugar do especialista e, em último caso, recorre ao bom senso que acredita compartilhar com o leitor, a fim de atender a um dos principais anseios dos que buscam informação: a apreensão da realidade e dos acontecimentos como eles são.

Vimos que as notícias, assim como o conceito do que é real, é construído por múltiplos olhares e vozes. As possíveis construções de uma realidade a partir de um acontecimento ou da vida de um indivíduo são infinitas.

De tudo isso, podemos concluir que não existe uma realidade, apenas diversas narrativas sobre a mesma coisa.